

EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR – FATOR DE INCLUSÃO DE CRIANÇA COM SÍNDROME DE DOWN

JOÃO BATISTA GARCEZ DOS SANTOS
Universidade Federal do Rio Grande do Sul - Porto Alegre/RS - Brasil
E-mail jbgarcezs@bol.com.br

RESUMO

A Educação Física Escolar, enquanto área do conhecimento, tem como objetivo tratar da cultura corporal de movimento. A tarefa de um professor de Educação Física é delicada, pois deve compatibilizar os interesses do grupo com aqueles que apresentam necessidades especiais, das mais variadas, atendendo as individualidades de cada um de seus alunos. Diante esta tarefa, percebe a elevação do número de alunos com Síndrome de Down nas escolas. A Síndrome de Down é considerada um dos defeitos congênitos mais comuns entre a população mundial, nela o comprometimento cognitivo é de leve a moderado, desta forma as etapas do desenvolvimento e os grandes marcos evolutivos são atingidos, embora em um ritmo mais lento. Desta forma, este estudo tem por objetivo analisar o quanto a Educação Física Escolar pode interfere como fator de inclusão na escola regular, em especial, de crianças com Síndrome de Down. Lembro que as dificuldades de aprendizagem se estabelecem quando a criança encontra problemas em se perceber, perceber seu mundo e relacionar-se com outras pessoas, neste panorama a Educação Física Escolar é fator preponderante de inclusão, pois ela pode se valer da coordenação motora, expressão e cultura corporal, para o desenvolvimento cognitivo. Desta forma minimiza as diferenças e oferece possibilidades de aprendizagem e inserção social.

PALAVRAS-CHAVES: Educação física Escolar, Síndrome de Down, Inclusão.

INTRODUÇÃO

A Síndrome de Down é uma alteração genética, que ocorre durante a formação do bebê, mas precisamente durante as 8 primeiras semanas de gestação, quando por um acidente genético durante a divisão celular, surge um cromossomo a mais, ou seja, ao invés de 46 cromossomos, a criança com Síndrome de Down possui 47 cromossomos.

Academicamente, a Síndrome de Down foi descrita pela primeira vez pelo médico inglês John Langdon Down, em 1866, desde então vários outros estudos passaram a serem realizados. Essa síndrome ocorre igualmente entre meninos e meninas, sendo considerada um dos defeitos congênitos mais comuns entre a população mundial.

Não existe uma razão específica para a ocorrência da mutação: ela não resulta de algo que os pais fizeram ou deixaram de fazer. O cromossomo extra pode vir no espermatozóide do pai ou dos óvulos da mãe, ou pode ocorrer logo após a concepção. Mulheres que após os 35 anos parecem ser sobremaneiras suscetíveis a ter bebês com Down. Entretanto, a idade do pai parece não ter efeito semelhante. (O'REAGN, 2007, p.43)

Com a universalização da escola regular, crianças com deficiências e altas habilidades/superdotação passaram a frequentarem escolas regulares, desta forma, surge à necessidade de estimular ações que visem à inclusão escolar.

Desta forma a Educação Física, como componente curricular, surge como fator de inclusão escolar, pois nas celebrações e brincadeiras as crianças tem uma forma de interação social. A brincadeira é uma forma básica de aprendizagem cognitiva e social.

Segundo SOLER (2005), por meio da brincadeira podemos conhecer e entender melhor uma criança, pois ela se comunica com muita eficiência e nos mostra como constrói seu mundo. Dessa forma, o jogo serve para explorar o mundo que rodeia, como também explorar suas próprias normas, regras e atitudes.

O jogo aprimora algumas dimensões, como: a linguagem, através da comunicação de pensamentos e sentimentos; o cognitivo, dando acesso ao maior número de informações; o afetivo, oportunidade da criança se expressar seus afetos e emoções; o físico-motor, na interação de ações motoras, visuais, táteis e auditivas sobre os objetos do seu meio; a moral, através da construção de regras cria uma relação de respeito com o adulto e com outras crianças.

O jogo é um caso típico das condutas negligenciadas pela escola tradicional, dado o fato de parecerem destituídas de significado funcional. Para a pedagogia corrente, é apenas um descanso ou o desgaste de um excedente de energia, mas essa visão simplista não explica nem a importância que as crianças atribuem aos seus jogos e muito menos a forma constante de que se revestem os jogos infantis, simbolismo ou ficção, por exemplo. (PIAGET, 1985, p. 158)

METODOLOGIA

O estudo de caso permite que possamos desvendar em profundidade as motivações, os hábitos, as idéias, os planos, as atitudes de um sujeito, a ponto de podermos sugerir hipóteses explicativas e interpretativas sobre determinado feito ou determinada personalidade.(Gaya, 2008, p.109)

A presente pesquisa aborda o estudo de caso de uma menina portadora de síndrome de Down, atualmente com 11 anos e aluna do 5º ano do ensino fundamental, da rede municipal de Estância Velha, no Rio Grande do Sul

No decorrer de um mês ela, juntamente com seus colegas de turma, foram desafiados a pular corda no início das aulas, durante a semana a turma teve 2 períodos de 50 minutos, totalizando 5 semanas de intervenção com 10 períodos.

Quando falamos de ciência do movimento humano, nos deparamos com inúmeras peculiaridades para se fazer um estudo de caso, já que durante as nossas aulas temos que levar em consideração as mais variadas situações, demandas; sem se esquecer de todos os alunos da turma e seus anseios e principalmente sua ‘bagagem motora”, ou seja sua Cultura Corporal.

Segundo Gaya (2008), o estudo de caso orienta-se pela necessidade de compreensão profunda de uma realidade singular, seja ela um indivíduo, um grupo, uma instituição social ou uma comunidade.

Nada mais justo em realizar um estudo de caso, dentro de uma turma durante as aulas de educação física.

Todas as 10 intervenções foram realizadas dentro das aulas de educação física com toda a turma (22 alunos), onde a turma em sua totalidade tinha que pular corda, trilhada pelo professor. As atividades com corda precederam as demais, ou seja, um aquecimento descontraído constituído de ladainhas e cantigas (ladainhas) que também serviram de quebra gelo, pois estávamos no início do ano letivo e alguns alunos ainda não se conheciam.

No momento que o aluno fosse pular, ele poderia escolher qual a cantiga (ladainha) seria cantada pela turma, ou se simples contariam quantos pulos deram.

Durante o ano de 2014, nas aulas de educação física, a referida aluna em que realizei a abordagem, foi foco de uma pesquisa que envolvia a psicomotricidade no processo de aprendizagem em crianças com síndrome de Down, nas aulas e no recreio observei seu interesse nas atividades com corda, mas ela não tentava pular; cantava, contava, torcia pelos colegas, mas não se sentia segura para tentar pular, com o final do ano não havia tempo para as intervenções e nosso objetivo era sua aquisição de linguagem, mas já estipulei a meta para o ano de 2015.

Já no início do ano quando planejei as aulas, procurei iniciar as atividades com corda (aquecimento), mas ela continuava sem segurança, então tive que criar alternativas para que ela pulasse, nesse ponto fui primordial a participação da turma.

Primeiramente, foi proporcionar o maior número de cantigas que conhecêssemos, onde levei consideração às cantigas e ladainhas que eles conheciam em suas casas (cultura corporal), mas ela continuou a cantar e contar, mas se negando a pular. No segundo momento, ela já estava indo à corda, porém não estava conseguindo pular mais de dois pulos, neste momento ela começou a pular em dupla, frente a frente de mãos dadas, mas ela ficou dependente da colega em que estava de mãos dadas, ou seja, ela esperava a colega pular para depois pular, no terceiro momento ela continuou a pular em dupla sem as mãos dadas, neste momento foi na segunda semana ela estava realizando de 4 a 5 pulos.

A partir da terceira semana, mais precisamente na 5ª aula ela começou a pular sozinha, alternando entre 5 e 7 pulos, mas apresentando muita dificuldade em começar a pular (noção espaço temporal).

Na quarta semana, ela começou a querer tentar pular mais vezes por aula, neste momento procurei criar uma rotina que desse segurança a ela, marcando um local para pular se valendo das linhas da quadra poliesportiva essa rotina também valeu para toda a turma já que a conversa atrapalhava sua ação, nesse momento descobrimos que ela gostava que contassem os pulos e não cantassem- os. Nesta etapa ela alternava entre 5 e 12 pulos, nas primeiras tentativas não passava de 5 pulos na terceira tentativa fez 12 pulos já na quarta tentativa pulou 8 vezes.

Na quinta e última semana, nas seções 9 e 10 conseguiu aumentar seus saltos atingindo o máximo de 18 pulos totalizados.

A partir dos resultados obtidos as atividades propostas a ela envolvem jogos que proporcionem a melhora de seu sistema cardiorrespiratório, pois acredito que o maior problema é a falta de condicionamento físico, já que durante as intervenções estabeleceu-se um padrão, onde a cada abordagem ela conseguiu sempre pular mais nas séries intermediárias, nunca nas séries de início e muito menos nas séries finais. Atualmente, o maior desafio que temos é seu descaso com as atividades propostas nas aulas, resultando em um baixo desenvolvimento, ora por falta de interesse, ora pela interferência dos conflitos familiares. As atuais ações estão envolvendo o engajamento da família, trazendo-a a escola.

Com o surgimento da linguagem, nasce-se para um novo mundo, sem fronteiras, ligado ao imaginário, aos sonhos e fantasias, aos projetos e pensamentos. Se observarmos bem, o que fazemos com o corpo ou com a mente não são coisas tão diferentes assim. Quando alguém pensa demais, não se cansa teoricamente: o esgotamento é, sem dúvida, físico. Pensar seria, assim, uma atividade corporal. (Freire, 2010, p.41)

CONCLUSÃO

As dificuldades de aprendizagens geralmente estão relacionadas com a forma de como a criança se relaciona com si, ou melhor, segundo Guerra (2002), as dificuldades de aprendizagem se estabelecem quando a criança encontra problemas em se perceber, perceber seu mundo e relacionar-se com outras pessoas.

Desta forma, a Educação Física Escolar torna um fator de autoconhecimento, onde a criança conhece a si, através de atividades que explorem a sua cultura corporal, esquema e desenvolvimento motor. Desta forma, o movimento que a criança realiza, torna-se aspecto fundamental na aquisição de estruturas cognitivas, principalmente, em crianças com Síndrome de Down.

A menina que se refere o artigo encontra-se em um período de desenvolvimento, nomeado por Piaget, de Fase de Operações Concretas. Nessa etapa do desenvolvimento das operações concretas, a criança raciocina logicamente sobre eventos concretos e consegue classificar objetos de seu mundo em vários ambientes. O evento definidor será a reversibilidade com experimentação intelectual através da brincadeira ativa.

Ela utiliza as aulas de Educação Física para explorar seus limites físicos, respeita as regras das atividades, age de forma autônoma, tem iniciativa em participar de atividades lúdicas. No caso das atividades focadas nas aulas, o pular corda auxilia vários aspectos, por ser uma atividade aeróbica, ela melhora a capacidade cardiovascular, problema típico de crianças com essa síndrome, bem como, trabalha com o conceito de espaço-tempo (simultaneidade, ordem e sequência, intervalos de tempo), ritmo e reforça o tônus muscular.

A criança usa a brincadeira nesta fase para compreender seu mundo físico e social. Regras e regulamentos são de interesse da criança quando aplicadas às brincadeiras. As brincadeiras, todavia, perdem suas características assimiladoras e tornam-se um processo subordinado equilibrado de pensamento cognitivo. Como resultado, a curiosidade encontra expressão na experimentação intelectual e não apenas nas brincadeiras ativas. (GALLAHUE, 2005, p.49)

No caso de crianças com Síndrome de Down, o desenvolvimento motor e cognitivo ocorre de forma igual as demais crianças, no entanto, num ritmo muito mais lento. Quanto ainda bebês,

as crianças com SD devem receber muitos estímulos motores, o que chamamos de intervenção essencial, que uma equipe realiza atividades que estimulem a maturação física, cognitiva e afetiva.

As principais descobertas de estudos que descrevem o desenvolvimento motor, de bebês com Síndrome de Down incluem: (1) retardos no aparecimento e na inibição de reflexões primitivos e posturais, (2) hipotonia e hiperflexibilidade e (3) substanciais atrasos para atingir marcos motores. (GALLAHOE, 2005, p.115)

No caso da atividade de pular corda, a criança testa seus limites, buscar superá-los e gera situação de relação com colegas e professor, pois os colegas instigam e incentivam a menina a buscar progredir. O que inicia nas aulas de Educação Física, da integração e aceitação a diversidade.

REFERÊNCIAS

ADELANTADO, P. P. B. **La psicomotricidad em España: de un pasado de incomprensión a un futuro de esperanza.** IN: Revista de estudio y experiencia – Psicomotricidad, 53(2), 57 – 63, 1996.

BRITO, Carmem Lucia C. **Consciência Corporal – Repensando a Educação Física.** 1. ed. Rio de Janeiro: SPRINT, 1996.

CARVALHO, Rosita Edler. **Escola Inclusiva: a reorganização do trabalho pedagógico.** 3.ed. – Porto Alegre: Mediação 2010.

CAUDURO, Maria Teresa. **Do caminho da psicomotricidade à formação profissional.** Novo Hamburgo: FEEVALE, 2001.

CAUDURO, Maria Teresa. **Motor, motricidade e psicomotricidade como entender?** Novo Hamburgo: FEEVALE, 2002.

COLL, César. MARCHESI, Álvaro. PALACIOS, Jesús. et al. **Desenvolvimento psicológico e educação – transtornos de desenvolvimento e necessidades educativas especiais.** 2.ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

CURY, Carlos Roberto Jamil. **A educação escolar, a exclusão e seus destinatários.** Educação em Revista, Belo Horizonte, n. 48, dez. 2008.

DAOLIO, Jocimar. **Da Cultura do Corpo.** 4. ed. São Paulo: Papyrus, 2002.

DAYRELL, Juarez. **A Escola Como Espaço Sócio-Cultural.** In: _____. *Múltiplos Olhares Sobre Educação e Cultura.* Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1996.

FONSECA, Claudia. **Preparando-se Para a Vida: reflexões sobre escola e adolescência em grupos populares**. *Em Aberto*, Brasília, ano 14, n. 61, p. 144-155, jan./mar.1994.

FREIRE, João Batista. **Educação como prática corporal**. São Paulo: Scipione, 2009.

FREIRE, João Batista. **Educação de corpo inteiro**. São Paulo: Scipione, 2009.

GALLAHUE, David L. OZMUN, John C. **Compreendendo o desenvolvimento motor**. 3.ed. – São Paulo: Phorte, 2005.

GAYA, Adroaldo (org.). **Ciências do movimento humano: introdução à metodologia da pesquisa**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

GUERRA, I.B. **Fundamentos das dificuldades de aprendizagem**. Curitiba,2010.

LE BOULCH, Jean. **Educação psicomotora**. 2.ed. Porto Alegre: Artmed, 1987.

O'REGAN, Fintan. **Sobrevivendo e vencendo com necessidades educacionais especiais**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

PACHECO, José.EGGERTSDÓTTIR, Rósa. MARINÓSSON, Gretar L. **Caminhos para a inclusão: Um guia para aprimoramento da equipe escolar**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

PIAGET, Jean. **Psicologia e pedagogia**. Rio de Janeiro: Forense/Universitária, 1985.

NOGUEIRA, N. **Pedagogia dos projetos: uma jornada interdisciplinar rumo ao desenvolvimento das múltiplas inteligências**. São Paulo: Érica, 2001.

SMITH; C; STRICK; I; **Dificuldades de aprendizagem de A a Z: um guia completo para pais e educadores**\ CorinneSmith; Lisa Strick. Tradução Dayse Batista- Dados Eletrônicos- Porto Alegre: Artmed, 2007.

SOLER, Reinaldo. **Educação Física Inclusiva na escola: em busca de uma escola plural**. Rio de Janeiro: Sprint, 2005.

Nome do autor: João Batista Garcez dos Santos

Endereço: Rua Santos Dumont, nº744, Bairro 25 de Julho, Ivoti - Rio Grande do Sul/Brasil, Cep 93900-000

Telefone para contato: 51 97789788

E-mail: jbgarcezs@bol.com.br

SCHOOL PHYSICAL EDUCATION - CHILD INCLUSION FACTOR WITH DOWN SYNDROME

RESUME

The physical education, as a field of knowledge, aims to address the culture of body movement. The task of a teacher of Physical Education is delicate because it must match the group's interests with those with special needs, the most diverse, given the individuality of each of its students. Faced with this task, realizes the increase in the number of students with Down syndrome in schools. Down syndrome is considered one of the most common birth defects of the world's population, its cognitive impairment is mild to moderate, so the stages of development and major evolutionary milestones are achieved, though at a slower pace. Thus, this study aims to examine how the physical education can interfere as inclusion factor in regular school, in particular, children with Down syndrome. I remember learning difficulties are established when children encounter problems in perceiving, understanding their world and relate to others in this panorama to physical education is a major factor of inclusion, because it can make use of motor coordination, expression and body culture, for cognitive development. In this way it minimizes the differences and offers possibilities for learning and social inclusion.

KEYWORDS: Physical Education School, Down Syndrome, Inclusion.

ÉCOLE D'ÉDUCATION PHYSIQUE - FACTEUR DE L'INCLUSION DES ENFANTS AVEC SYNDROME DE DOWN

JOÃO BATISTA GARCEZ DOS SANTOS
Universidade Federal do Rio Grande do Sul - Porto Alegre/RS - Brasil
E-mail jbgarcezs@bol.com.br

RÉSUMÉ

L'éducation physique, comme un champ de connaissances, vise à répondre à la culture du mouvement du corps. La tâche d'un enseignant d'éducation physique est délicate car elle doit correspondre aux intérêts du groupe avec ceux ayant des besoins spéciaux, le plus diversifié, compte tenu de l'individualité de chacun de ses élèves. Face à cette tâche, se rend compte de l'augmentation du nombre d'élèves ayant le syndrome de Down dans les écoles. Le syndrome de Down est considérée comme l'une des anomalies congénitales les plus courantes de la population du monde, il est la déficience cognitive légère à modérée, de sorte que les stades de développement et les principaux jalons de l'évolution sont atteints, mais à un rythme plus lent. Ainsi, cette étude vise à examiner comment l'éducation physique peut interférer comme facteur d'inclusion à l'école régulière, en particulier, les enfants atteints du syndrome de Down. Je me souviens des difficultés d'apprentissage sont établis lorsque les enfants rencontrent des problèmes à percevoir, comprendre leur monde et se rapportent à d'autres dans ce panorama à l'éducation physique est un facteur majeur de l'inclusion, car il peut faire usage de la

coordination motrice, l'expression et la culture du corps, pour le développement cognitif. De cette façon, il minimise les différences et offre des possibilités d'apprentissage et de l'inclusion sociale.

MOTS CLES: Education physique scolaires, syndrome de Down, l'inclusion.

ESCUELA EDUCACIÓN FÍSICA - INCLUSIÓN DE NIÑOS CON SÍNDROME DE DOWN FACTOR

JOÃO BATISTA GARCEZ DOS SANTOS
Universidade Federal do Rio Grande do Sul - Porto Alegre/RS - Brasil
E-mail jbgarcezs@bol.com.br

RESUMEN

La educación física, como un campo de conocimiento, tiene como objetivo abordar la cultura del movimiento del cuerpo. La tarea de un profesor de Educación Física es delicada, ya que debe coincidir con los intereses del grupo con los que tienen necesidades especiales, los más diversos, teniendo en cuenta la individualidad de cada uno de sus estudiantes. Frente a esta tarea, se da cuenta del aumento en el número de estudiantes con síndrome de Down en las escuelas. El síndrome de Down es considerado uno de los defectos de nacimiento más comunes de la población mundial, que el deterioro cognitivo es de leve a moderada, por lo que las fases de desarrollo y los hitos evolutivos importantes se logran, aunque a un ritmo más lento. Por lo tanto, este estudio tiene como objetivo examinar cómo la educación física puede interferir como factor de inclusión en la escuela regular, en particular, los niños con síndrome de Down. Recuerdo dificultades de aprendizaje se establecen cuando los niños se encuentran con problemas en la percepción, la comprensión de su mundo y relacionarse con los demás en este panorama a la educación física es un factor importante de la inclusión, ya que puede hacer uso de la coordinación motora, la expresión y la cultura del cuerpo, para el desarrollo cognitivo. De esta manera se minimiza las diferencias y ofrece posibilidades para el aprendizaje y la inclusión social.

PALABRAS CLAVE: Escuela de Educación Física, Síndrome de Down, de inclusión.